Ler com outros olhos: a leitura para pessoas com deficiência visual (PDVS)

Marcus Vinícius Liessem Fontana[1]

Resumo: A leitura, para uma pessoa com deficiência visual, tem obviamente características diferentes daquelas próprias de uma pessoa vidente. Neste artigo, procuro marcar algumas dessas diferenças, colocando em evidência as formas como uma pessoa com deficiência visual pode ter acesso à leitura: o braile, a mediação do outro, os arquivos sonoros. Em especial, procuro explicar como a Audioteca Virtual do Projeto Além da Visão busca disponibilizar arquivos em áudio online com leituras de textos literários para que pessoas com deficiência visual de qualquer lugar do mundo possam ter acesso à literatura em língua portuguesa e em língua espanhola. O objetivo do projeto, em parte, é permitir que estudantes destas duas línguas tenham acesso fácil a *input* linguístico, bem como a aspectos culturais que possam ajudá-las a desenvolver o gosto e a curiosidade pela língua. Mais que tudo, porém, espera-se promover às pessoas com deficiência visual a oportunidade de fruição da literatura, a experiência do prazer que um bom texto literário pode proporcionar, cumprindo com um dos mais importantes deveres das instituições públicas, que é o de criar condições de igualdade e inclusão social.

Palavras-chave: Leitura deficiência visual. Acessibilidade.

[1] Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (2009) – Professor Assistente da Universidade Federal de Santa Maria.

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 15	n. 25	p. 47 - 66	Recebido em: 20 out. 2013. Aprovado em:18 nov. 2013.

INTRODUÇÃO

"Algumas pessoas me revelaram que pararam de se drogar depois da crônica *Nós, os que matamos Tim Lopes*.", conta Affonso Romano de Sant'Anna em sua crônica *Leitura faz acontecer* (SANT'ANNA, 2011, p. 113). Nessa mesma crônica, o autor narra uma série de pequenas histórias em que a leitura e a literatura foram capazes de mudar vidas. Eis o poder da palavra. O poder de promover mudanças, às vezes, revoluções. Não é exagero. Não são poucos os livros como *A origem das espécies*, de Darwin, *A Reivindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft, ou *On the road*, de Jack Kerouac, que influenciaram o pensamento, o sentimento e a ação de pessoas do mundo inteiro ao longo da História. Não é à toa também que governos totalitários, como o nazista, queimaram livros considerados subversivos, livros quem iam contra seus preceitos, sua doutrina, pois poderiam ser capazes de permitir que alguém se desse conta de que a "verdade" do partido não era uma verdade absoluta.

O fato é que ler estimula o pensamento, desenvolve a capacidade de reflexão. E não apenas a leitura dos chamados bons livros, a "alta literatura". Aprende-se algo com qualquer livro (PENNAC, 2011, p. 126) e mesmo com gêneros considerados por alguns menos que literários, como as histórias em quadrinhos (RANGEL, 2005, p. 125-126). Machado de Assis é altamente conceituado pela maioria dos estudiosos da Literatura, mas algumas pessoas precisam começar com quadrinhos ou outras leituras "mais leves" para só então chegar ao cânone. Para alguns, pode ser um processo de evolução.

> A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco freqüentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos

> de textos (com poucas ilustrações), do que uma outra criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha. (ALVES, 2001)

Na mesma linha de pensamento, Santos (2008) aponta as histórias em quadrinhos como porta de entrada para a literatura não só de crianças, mas também de adultos, como no projeto de educação popular do educador peruano Juan Acevedo Fernándes de Paredes.

Faço essa pequena digressão apenas para cimentar um ponto de vista que guia meu trabalho com leitura para pessoas cegas. Creio firmemente no pensamento de Daniel Pennac: "A toda leitura preside [...] o prazer de ler" (PENNAC, 2011, p. 39). É um pensamento que segue rumo semelhante ao de Barthes em seu *O Prazer do Texto* (2008) ou de Deleuze e Parnet em seus *Diálogos* (1980).

Ao trabalhar com leitura para pessoas cegas, portanto, o grande guia do projeto que desenvolvo é o prazer. Trato disso neste artigo, ainda que não tão amplamente como me agradaria, por uma questão de espaço e de objetivo. Em meu projeto, não dissecamos obras literárias e não priorizamos o chamado cânone. Preocupo-me, isso sim, com a possibilidade de prover às pessoas com deficiência visual o prazer do contato com obras interessantes. Obviamente, priorizo obras em espanhol, por ser esta língua meu objeto de trabalho e entender que o acesso à literatura na língua estrangeira estimula e motiva a aprendizagem desta língua. Sem dúvida, o cânone está presente. Não é, porém, meu objetivo restringir. As obras que surgem no projeto que aqui apresento são aquelas às quais as pessoas querem ter acesso, resguardados, claro, os devidos cuidados com direitos autorais, conforme a lei federal 9610, de 19 de fevereiro de 1998, artigo 46, que diz:

> **Não constitui ofensa aos direitos autorais:** I - a reprodução: [...] d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários.

Assentados estes princípios, nas próximas seções explico como funciona a Audioteca Virtual do projeto Além da Visão,

uma biblioteca de obras literárias gravadas em áudio e disponibilizadas online para que qualquer pessoa, sobretudo aquelas com deficiência visual, possam ter acesso. Começo por definir as características do público ao qual meu projeto se vincula, para logo explicar quais são as formas de acesso à leitura que este público tem. Em seguida, conto um pouco da história do surgimento desse projeto, para concluir explicando o passo a passo de como nascem os áudios literários dentro do projeto Além da Visão.

1 MATIZES DE SOMBRAS

Diz-se, alegoricamente, que as pessoas com deficiência visual vivem num mundo de sombras. De certa forma, isso é verdade. As sombras, porém, apresentam diferentes matizes. Não só a cegueira é deficiência visual. Há níveis e níveis. Mon (1998) explica que a deficiência visual inclui dois aspectos possíveis: cegueira e baixa visão.

O Decreto 5.296 de 2004 do Governo Federal, que trata da obrigatoriedade de atendimento prioritário a pessoas com deficiência, caracteriza de forma semelhante a deficiência visual:

> [...] cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores; (BRASIL, 2004)

Mon também chama atenção ao fato de que a cegueira ainda pode ser caracterizada de duas formas: total ou visão zero e cegueira grave ou quase total. No primeiro caso, não se consegue diferenciar entre luz e escuridão, no segundo, há uma mínima percepção das variações de luz. No que diz respeito à baixa visão ou visão subnormal, temos incluídas nesta categoria pessoas que apresentam apenas 3/10 da visão normal ou que possuem um campo visual menor ou igual a 20 graus. São, respectivamente, os critérios de acuidade visual e campo de visão, estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde.

Para que se possa entender os conceitos que definem esses

critérios, é importante saber que a percepção de uma pessoa sem deficiência é de 10/10, ao passo que "os limites do campo visual são 90º na parte externa ou temporal, 60º na interna ou nasal, 50º na parte superior e 70º na inferior" (MON, 1998 – tradução minha). Portanto, apesar de encontrarem grandes dificuldades com o sentido da visão, as pessoas de baixa visão ainda conseguem recorrer a este sentido para realizar algumas tarefas cotidianas, muito embora possam necessitar de iluminação especial, lentes ou outros aparatos para levá-las a cabo.

Também é importante perceber que há diferenças entre as pessoas com cegueira congênita e cegueira adventícia ou adquirida. Considera-se cegueira congênita aquela adquirida nos primeiros cinco anos de vida. Nesta, a criança não conseguiu, ainda, reter imagens visuais e todo seu processo de construção de conhecimento sofre interferência. Basicamente, a criança precisa apoiar-se em seus outros sentidos para aprender. Já na cegueira adventícia, quando a pessoa perde a visão depois dos cinco anos, ainda que a perda se dê na infância, já houve a oportunidade de desenvolver suas habilidades visuais e a memória visual, o que origina diferenças bastante consideráveis nos processos de aprendizagem (SÁ et al., 2010, p. 11).

Quando se fala em educação é fundamental notar que para cada nível de deficiência visual são necessários recursos específicos. O estudante precisa passar por uma avaliação que envolve critérios clínicos e pedagógicos para que se possa ter certeza de quais serão as ferramentas e os recursos didáticos que lhe serão mais úteis. O processo de ensino-aprendizagem de pessoas realmente cegas deve privilegiar, sobretudo, o tato e a audição. Já a pessoa com baixa visão pode sanar, em parte, suas necessidades, com o uso de lentes especiais, ampliação de caracteres e outros recursos específicos.

No que diz respeito à leitura, ocorre basicamente o mesmo. Uma pessoa com baixa visão tem condições de ler um livro impresso com caracteres ampliados. Mais acessível ainda talvez seja o recurso de ampliar os caracteres na tela de um computador para leitura. O zoom ou a lente, recursos de acessibilidade de sistemas operacionais como o Windows, permitem a leitura sem maiores dificuldades. Já a pessoa cega terá que lidar com o tato ou

a audição. No caso do tato, terá que aprender a leitura em braile. Para uma pessoa que adquire a cegueira em idade adulta, essa aprendizagem pode exigir um pouco mais de tempo. Além disso, uma das grandes reclamações dos usuários cegos é a dificuldade de acesso aos livros em braile. São livros pesados, a produção é relativamente pequena e seus custos são elevados (FONTANA; VERGARA-NUNES, 2005, SILVA, 2007).

O Sistema Braille, criado em 1825 por Louis Braille, é um código "composto por 63 diferentes combinações que representam letras, números, notas musicais, sinais de pontuação e outros símbolos gráficos" (SÁ et al., 2010, p. 35). Essas combinações são compostas por pontos em alto relevo, sensíveis ao tato, produzidos sobre grossas folhas de papel por meio da cela braile, uma matriz composta por duas colunas de três pontos cada. As combinações de pontos produzidas a partir da cela correspondem a uma letra ou outro signo (figura 1). A escrita braile pode ser produzida manualmente, por meio de reglete e punção (figura 2), mecanicamente pela máquina braile (figura 3) ou ainda eletronicamente, com a impressora braile conectada a um computador com software compatível (figura 4).

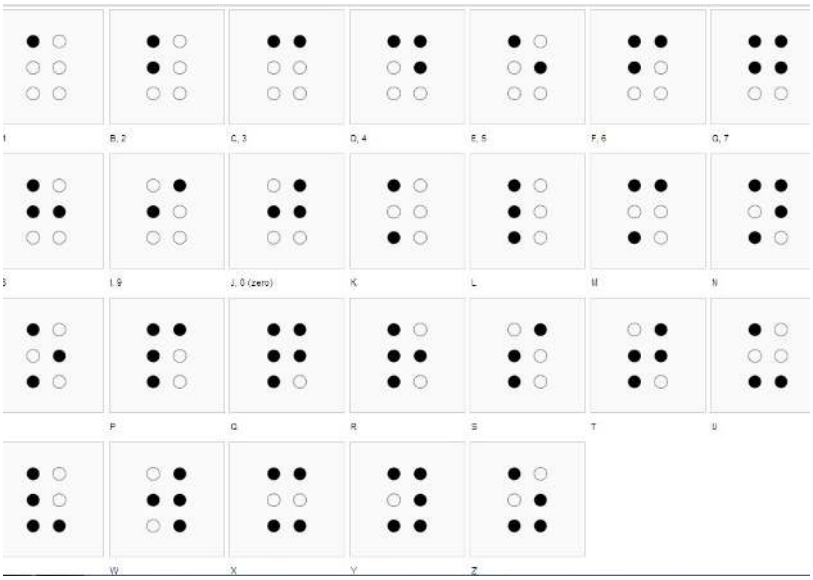

Figura 1 – Alfabeto braile



Figura 2 – Reglete e punção



Figura 3 – Máquina braile



Figura 4 – Impressora braile

Outra possibilidade é a de contar com a leitura de outra pessoa, o ledor, um voluntário que se encarrega de ler uma obra a uma pessoa ou a um grupo de pessoas cegas. Atualmente, além

de sessões de leitura ao vivo, existem os arquivos de áudio, que podem ser isolados na forma de poemas ou contos soltos, no caso da literatura, ou podem ser reunidos a fim de compor um audiolivro.

A vantagem do audiolivro para a leitura ao vivo é que o momento da leitura se perpetua e o trabalho do ledor pode ser usufruído por um número muito maior de pessoas, sendo transpostas barreiras espaciais e temporais. A bela cena descrita por Saramago em seu *Ensaio sobre a Cegueira* parece sintetizar com delicada sensibilidade a relação do cego com a obra lida por outra pessoa:

> Agora não há outra música senão a das palavras, e essas, sobretudo as que estão nos livros, são discretas, ainda que a curiosidade trouxesse a escutar à porta alguém do prédio, não ouviria mais do que um murmúrio solitário, este longo fio de som que poderá infinitamente prolongar-se, porque os livros do mundo, todos juntos, são como dizem que é o universo, infinitos. (SARAMAGO, 2008, p. 290)

Para Sá et al. (2010, p. 12), os audiolivros, e talvez pudéssemos incluir aí os arquivos de áudio literários em geral, são um recurso importante para pessoas com deficiência visual, especialmente no que diz respeito à literatura infantil, pois favorecem a compreensão, uma vez que livros para esta faixa etária contam com imagens e coloridos que só podem ser compreendidos com a mediação da voz de alguém.

Paleta et al. (2008) elencam, ainda, uma série de outras vantagens dos audiolivros:

> • Pode ser usado em situações nas quais a leitura não é possível, e por pessoas com deficiência visual;
> • Não ocupam espaço na sua prateleira ou em sua casa;
> • Não têm peso ou volume, o audiolivro é um arquivo digital;
> • As páginas não podem ser rasgadas ou danificadas;
> • São muitos versáteis, permitindo que o usuário realize "multi-tarefas", enquanto ouve;
> • O livro em papel e o audiolivro são duas realidades que não se excluem. Ouvir pode ser um estímulo para a compra do texto em suporte impresso;
> • O audiolivro não vai concorrer diretamente com o livro impresso, mas sim complementá-lo; o preço em relação ao impresso pode reduzir em 50%;

> • Devido à possibilidade de interpretação, em determinados trechos, o áudio é muito superior ao livro impresso, pois consegue dar ao ouvinte a dimensão exata das técnicas sugeridas;
> • Ler em voz alta para as crianças é uma das atividades que mais ajudam a desenvolver a habilidade de leitura. Ouvindo um livro falado, as crianças ampliam o vocabulário, aprendem entonação, pronúncia e, principalmente, têm contato com o universo da literatura de uma forma lúdica e agradável.
> • Os clássicos da literatura que são incluídos, nas listas de leitura obrigatória dos principais vestibulares do país, estão em formato de audiolivros. (PALETTA et al., 2008, p. 8)

Especificamente no que diz respeito à relação entre pessoas com deficiência visual e audiolivros, Farias afirma:

> [...] o audiolivro pode representar uma forma de auxiliar o sujeito portador de uma deficiência visual, no que diz respeito à prática de leitura; porém, não atua como um substituto do livro em Braille, o qual é usado no processo de alfabetização desses sujeitos. Reconhecendo-o como um recurso informacional capaz de proporcionar aos portadores de algum tipo de deficiência visual o acesso a diversos assuntos, o audiolivro permite maior autonomia, interatividade e participação desses com as tecnologias da informação. (FARIAS, 2012, p. 32)

E completa:

> [...] tal ferramenta tecnológica pode ser utilizada como um complemento ao processo de alfabetização em Braille, já que, por meio do áudio, é possível desenvolver o interesse pela leitura e aprimorar, inclusive, o vocabulário do usuário. Em razão disso, instituições preocupadas com o atendimento de pessoas com deficiência visual oferecem aos alunos a oportunidade de utilizarem o audiolivro [...] como um recurso capaz de auxiliá-los no processo ensino-aprendizagem. (FARIAS, 2012, p. 40)

Ainda sobre audiolivros, Menezes e Franklin divulgam, em artigo de 2008, os resultados obtidos em uma pesquisa realizada com usuários videntes e cegos:

> O audiolivro, diante dos resultados da análise, confirma-se como um recurso informacional que contribui, consistentemente, com a formação educacional

> da população do Setor Braille da BPEB; tem um reconhecimento significativo entre os pesquisados, apesar da preferência destes pelo livro impresso. É um recurso útil devido ao fácil manuseio e acessibilidade, que não retira o prazer da leitura ou da escrita como também não ameaça o serviço voluntário ou o sistema Braille; admite amplo número de exemplares e um maior aproveitamento de espaço nas estantes da biblioteca, além de permitir entretenimento e participação social. As pessoas com deficiências visuais demonstraram que são pessoas dinâmicas e "antenadas" às novas tendências tecnológicas e que atuam ativamente no meio em que vivem. (MENEZES; FRANKLIN, 2008, p. 71-72)

Por acreditar na função social dos áudios literários e na necessidade de ampliar seu acesso especialmente às pessoas com deficiência visual foi que surgiu a Audioteca Virtual do projeto Além da Visão. Em seguida, explico o que é o Além da Visão, como surgiu a ideia e qual o papel da Audioteca neste projeto.

2 UM POUCO DE LUZ

Corria o ano 2005 na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O projeto Biblioteca Virtual de Letras (BVL) coordenado pelo professor Elton Vergara-Nunes progredia a olhos vistos, com um acervo crescente de obras em formato digital disponibilizadas gratuitamente para o público em geral. A Biblioteca procurava atender não apenas ao leitor monolíngue do português, mas baseava-se na necessidade de disponibilizar obras que ajudassem os alunos do curso, das habilitações de Espanhol, Francês e Inglês, com obras em suas línguas-meta, para que pudessem aperfeiçoar seus estudos e praticar a leitura em língua estrangeira. Além de Machado de Assis em português, podiam-se encontrar obras de Cervantes em espanhol, de Maupassant em francês e de Blake em inglês, apenas para citar alguns exemplos.

Muito rapidamente formou-se uma rede de leitores ávidos por acessar cada novo exemplar que era disponibilizado. Entre esses leitores, alguns eram cegos. Como é natural no mundo digital da internet, conexões se estabeleceram entre os leitores/usuários e a equipe do projeto, da qual eu formava parte. Rapidamente, ficamos sabendo que para as pessoas cegas ou com deficiência visual grave, o trabalho da BVL era de fundamental importância,

pois a dificuldade de acesso a obras em braile, caras e extremamente pesadas e desajeitadas, restringia enormemente o contato com obras literárias de qualquer tipo.

Assim, fazer a descarga de livros digitais e lê-los através de softwares específicos, os chamados leitores de tela, dotados de síntese de voz, era a forma mais rápida e econômica de se ter acesso às mais diversas obras literárias. Na concepção de algumas das pessoas que nos procuraram, o único digno de lamentação era que os leitores de tela, à época, eram dotados de vozes extremamente robotizadas, sem o mínimo da entonação humana, o que fazia perder bastante da emoção própria da leitura.

Ao considerar essas informações, o coordenador da BVL decidiu lançar o projeto Audioteca Virtual de Letras (AVL). Rapidamente, reuniu um grupo de alunos de graduação vinculados aos diferentes cursos da universidade a fim de que se tornassem ledores. Ledor é o voluntário que, nas instituições especializadas, se encarrega de ler para as pessoas cegas. A diferença, aqui, seria que esses ledores gravariam os textos em áudio e esses áudios seriam disponibilizados *online* para que pessoas cegas pudessem usufruir deles, descarregando os arquivos a seus computadores e ouvindo as leituras. O projeto conseguiu reunir uma boa quantidade de arquivos, mas por questões institucionais foi encerrado junto com a BVL no ano de 2006.

Em 2007, a partir da experiência da Audioteca e no âmbito do meu projeto de mestrado, decidi elaborar um curso de espanhol *online* para leitura voltado a pessoas com deficiência visual (PDVs). A experiência foi bastante produtiva, reunindo PDVs de todo o Brasil e de Portugal interessados em aprender a ler em espanhol. Suas leituras eram mediadas por arquivos de áudio, a exemplo do que acontecia na Audioteca. No curso, ao longo de um semestre, os alunos aprendiam os rudimentos da língua espanhola e, com isso, realizavam leituras com textos de diversos gêneros. A partir de exercícios com resposta aberta, procuravam demonstrar o que haviam entendido de cada texto, sendo, logo, orientados por um grupo de tutores que os acompanhava.

Ao chegar à Universidade Federal de Santa Maria, em 2009, como professor assistente, imediatamente iniciei o projeto Além da Visão. Nesse projeto, uma equipe de pesquisadores está

elaborando um curso online de espanhol para pessoas com deficiência visual. Diferente do curso de 2007, trata-se agora de um curso completo, cujo objetivo é trabalhar as habilidades linguísticas básicas: ler, escrever, ouvir e falar. Obviamente, neste contexto, ler e ouvir são habilidades que se aproximam muitíssimo, pois ambas dependem do sentido da audição. A intenção da equipe é que no ano de 2014 seja possível iniciar efetivamente o curso, uma vez que o período de pesquisa e elaboração de materiais está em fase de conclusão.

A fim de ampliar as possibilidades do curso, a equipe julgou por bem desenvolver uma biblioteca para que os alunos tivessem acesso a obras literárias na língua-meta e pudessem, de acordo com suas necessidades e seus gostos individuais, ler obras em espanhol que lhes fossem úteis ou, simplesmente, prazerosas, aproximando o leitor-aluno da cultura e da própria língua, sem qualquer obrigatoriedade. Certamente, em acordo com o conceito de prazer na leitura, que preconiza Barthes (2008), essa iniciativa se mostraria mais útil que a imposição de leituras por um currículo, que muitas vezes o que fazem é distanciar o estudante da literatura (PENNAC, 2011, p. 20-22).

Assim, com o objetivo de prover esta biblioteca, o projeto Além da Visão inspirou-se na iniciativa da Audioteca Virtual de Letras da UFPel e estruturou sua própria Audioteca Digital. Nela, há obras de autores de língua espanhola e portuguesa, que podem ser ouvidas simplesmente como fonte de prazer ou podem servir de ferramenta para que os alunos do curso aprofundem seus conhecimentos linguísticos e coloquem-se em contato com a História e os costumes dos povos de língua espanhola.

Tendo clara a história do surgimento da Audioteca e seus objetivos, na próxima seção, explico mais detalhadamente como está organizado o projeto e qual é o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores.

3 LER PARA TEUS OUVIDOS

A Audioteca do projeto Além da Visão está disponível na internet no endereço <http://w3.ufsm.br/alemdavisao/audioteca.htm>. Na Figura 5, é possível ver a aparência da sua página de

abertura. Trata-se de uma página bastante simples, mas que não se priva de um visual agradável. Isso se deve a que é importante levar em conta que a Audioteca também pode ser usada por usuários videntes. O fundamental, para o usuário cego, é que a página respeite alguns critérios de acessibilidade. Por exemplo, quando navega pela página usando seu software de leitura de tela, o usuário cego, ao passar por uma imagem ou ícone, vai ouvir a descrição e o objetivo daquela imagem. Isso se dá através de um recurso de programação relativamente simples. Todo o site do Projeto Além da Visão foi elaborado com base em modelos acessíveis distribuídos gratuitamente pela PUC-RS.



Figura 5 – Audioteca Virtual do Projeto Além da Visão

Na Figura 5 também é possível perceber os nomes de alguns dos autores disponíveis. Ao acionar o nome de um desses autores, o usuário é levado a sua página, conforme demonstrado na Figura 6. Na página do autor, o usuário encontra sua foto, que futuramente será audiodescrita, uma resenha biográfica em formato de áudio, e alguns de seus textos: poesias e contos, sobretudo. O projeto prevê que, para o ano de 2014, a equipe começará a trabalhar na leitura e gravação de romances, textos mais longos e, portanto, mais exigentes em termos de técnica, experiência e tempo de dedicação.

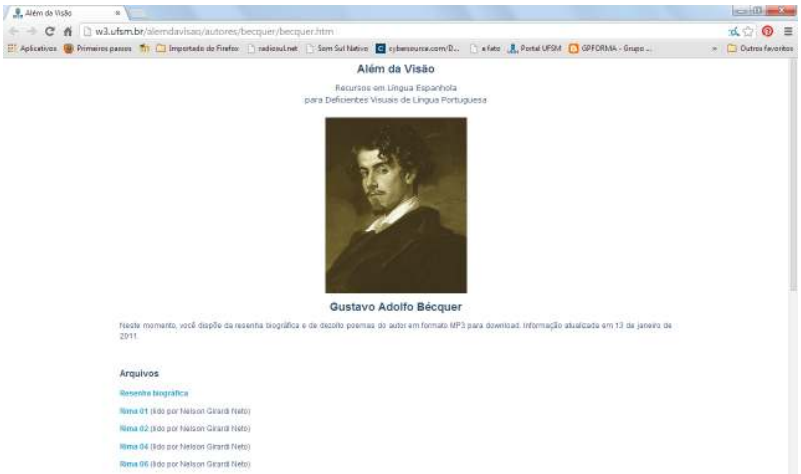

Figura 6 – Página de autor

O que mais importa, entretanto, neste artigo, é dar a entender o conceito de leitura mediada, envolvido neste tipo de projeto. Enquanto na leitura tradicional há uma relação direta entre leitor e texto, na leitura para pessoas com deficiência visual interfere a figura do ledor, uma pessoa vidente que serve como mediadora entre o texto e o leitor cego. A pessoa cega, portanto, continua sendo a leitora, a receptora final do texto. O ledor é o meio. Conforme Silva e Santos:

> O ledor passa a ser um mediador essencial entre o autor e o ouvinte cego. Ademais, a apreensão do texto escrito numa relação direta entre leitor e texto é bem diferente da leitura intermediada, pois que as falas, as vozes dão um outro "tom" que predispõe a recepção dos que ouvem uma leitura. Nessa relação ledor/leitor cego, cabem adaptações dos sujeitos nas suas preferências por melhor compreensão: a leitura pode ser mais acelerada em determinadas passagens, mais delicada, com pausas etc. É preciso considerar a interpretação do ledor como uma entre tantas quantas pode ser a tradução de um texto, ou seja, a fidelidade ao autor é algo não garantido. (SILVA; SANTOS, 2010, p. 4).

Pela especificidade da leitura, entretanto, alguns cuidados precisam ser tomados pelo ledor. As autoras antes citadas sugerem alguns elementos:

> A leitura para cegos envolve técnicas para sua otimização,

> buscando expressar determinados signos/códigos de escrita que permitem o entendimento do texto. Por exemplo, a entoação é fundamental para a leitura, cuja voz deve ter uma altura média, ritmo regular, com variações conforme a ambiência; os recursos gráficos e fotografias devem ser decodificados com detalhes, bem como as notas de rodapé; alguns sinais de pontuação, como aspas, parênteses, travessão, devem ser lidos de forma a expressar os destaques do texto, entre outros aspectos. (SILVA; SANTOS, 2010, p. 3).

Especificamente para a leitura gravada, como é o caso da Audioteca, Paletta et al elaboram mais algumas regras:

> • O narrador precisa ter uma voz saudável (sem patologias), clara e bem articulada, trabalhando a dicção, ou seja, articulação, entonação, inflexão, ritmo, respeitando o timbre de voz de cada pessoa.
> • Estar atento à velocidade da fala. Falar rápido demais dificulta a articulação e a compreensão das palavras; e falar lento demais pode tornar a fala monótona e desinteressante. O ideal é equilibrar a velocidade da fala.
> • Verificar o tipo de equipamento que deve ser utilizado para a gravação, pois ele tem influência direta na qualidade do som. A seleção do microfone, do software de gravação e do formato de compactação do som são alguns dos aspectos que devem ser observados.
> • Explicitar as técnicas de gravação, ou seja, o que gravar dos livros, como gravar e organizar essas informações para que possam ser facilmente acessadas pelos usuários. (PALETTA et al., 2008, p. 6)

No Projeto Além da Visão, respeitadas as normas que costumam reger a produção deste tipo de áudio, são seguidos basicamente quatro passos para que os textos gravados sejam disponibilizados *online*: a seleção dos textos, a gravação, a edição e a postagem dos arquivos de áudio. Num primeiro momento, são selecionados os autores e, destes, alguns textos. A seleção de autores e de textos é feita pela relevância de seu trabalho, desde um ponto de vista acadêmico, mas procura-se equilibrar este critério técnico com a popularidade e o interesse dos leitores cegos, que costumam entrar em contato com a equipe fazendo seus pedidos. Assim, hoje há textos em língua espanhola de autores como Gabriela Mistral, Gustavo Adolfo Bécquer e Mario Benedetti, ao lado de textos de autores de língua portuguesa como Drummond, Alberto Caeiro e Rubem Alves.

Selecionados os autores e seus textos, ledores voluntários, muitos dos quais são alunos do Curso de Licenciatura em Espanhol e Literaturas da Universidade Federal de Santa Maria, realizam a gravação em laboratórios da instituição. A gravação é feita digitalmente, em arquivo mp3, usualmente com auxílio do software gratuito *Audacity*, que permite, em seguida, a terceira etapa: a edição. Na edição, são reduzidos possíveis ruídos e acrescentada uma vinheta que abre e fecha o arquivo de áudio. Esta vinheta, com duração média de cinco segundos, realiza a função da capa de um livro, marcando início e fim da gravação. Na última etapa, aproveitando-se os modelos de página acessíveis disponibilizados pela PUC-RS e já adaptados para um padrão próprio do projeto, os arquivos de áudio são disponibilizados online, de forma gratuita, para que as pessoas com deficiência visual possam usufruir da leitura.

No momento, a Audioteca conta com pouco mais de cinquenta arquivos de áudio em português e espanhol. Está prevista no projeto uma ampliação considerável do acervo no ano de 2014. Há praticamente o mesmo número de arquivos já gravados em fase de edição e que deverão ser disponibilizados ao longo do primeiro semestre. Além disso, há uma programação de gravações que conta, entre outras obras, com a gravação completa de Lendas do Sul de Simões Lopes Neto, grande expoente da literatura gaúcha, que serve de ponte, em muitos sentidos, entre a cultura do sul do Brasil e a cultura dos *gauchos* uruguaios e argentinos.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é sentir prazer, é experimentar uma profunda sensação de gozo, como define Barthes (2008), é viajar nas palavras, construindo e reconstruindo mundos. Diante dos olhos da pessoa que vê, as letras se procuram e se enlaçam sobre o papel, num caso de amor que gera novas vidas, vidas que se descortinam no palco da imaginação. A pessoa cega também é capaz de experimentar essa sensação, quando tem a sua disposição livros em braile e foi instruída na leitura desse outro código. A única diferença é que as letras dançam não sob seus olhos, mas sob seus dedos.

Quando não aprendeu o braile ou quando vive em lugares

em que o acesso a obras em braile é difícil, não lhe resta outra solução que a de contar com a tecnologia e/ou com a boa vontade de pessoas videntes que se disponham a ler para ela. É preciso ler com outros olhos.

Ler para uma pessoa cega também é arte. Exige técnica, é verdade, mas não prescinde da arte. Talvez Rubem Alves, sem ser um técnico no assunto, tenha conseguido representar de maneira aproximada o trabalho do ledor:

> [...] a arte de ler é exatamente igual à arte de tocar piano – ou qualquer outro instrumento. [...] Um pianista, quando toca, não pensa nas notas. A partitura já está dentro dele. Ele se encontra num estado de "possessão". Nem pensa na técnica. A técnica ficou para trás, é um problema resolvido. Ele simplesmente "surfa" sobre as teclas, seguindo o movimento das ondas. [...] Pois é precisamente assim que se aprende o gosto pela leitura : ouvindo-se o artista – o que lê – interpretar o texto. [...] O "intérprete" é o possuído. É ele que faz viver, seja a partitura musical silenciosa, seja o texto teatral ou poético, silencioso na imobilidade da escrita. (ALVES, 2012, p. 92-94)

O ledor "surfa" sobre o texto, dá-lhe vida, e essa vida enche de cores a escuridão dos olhos de quem não vê. Para o ledor, o prazer da leitura é duplo.

Referências

ALVES, José Moysés. Histórias em quadrinhos e educação infantil. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 21, n. 3, set. 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2014.

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais…* Campinas: Verus Editora, 2012.

BARTHES, Roland. *El placer del texto y lección inaugural*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentinos, 2008.

BRASIL. *Decreto Nº 5.296 de 2 de Dezembro de 2004.* Regu-

lamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 14 jan. 2014.

BRASIL. *Lei Nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998.* Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso em: 14 jan. 2014.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Valência: Editorial Pre-Textos, 1980.

FARIAS, Suelen Conceição . O audiolivro e sua contribuição no processo de disseminação de informações e na inclusão social. *Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 31-52, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/529/pdf_27>. Acesso em: 08 jan. 2012.

FONTANA, M. V. L.; NUNES, E. L. V. Audioteca Virtual de Letras: tecnologia para inclusão. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 3, n. 2, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14016/7905>. Acesso em: 12 jan. 2014.

MENEZES, Nelijane C., FRANKLIN, Sérgio. Audiolivro: uma importante contribuição tecnológica para os deficientes visuais. *PontodeAcesso*, Salvador, v. 2, n. 3, p. 58-72, dez. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3213/2337>. Acesso em: 08 jan. 2014.

MON, Fabiana. Algunas definiciones en torno al concepto de

discapacidad visual. *El Cisne*, out. 1998. Disponível em: <http://www.juntadeandalucia.es/averroes/caidv/interedvisual/ftp/fm_alg_definiciones_dvisual.doc>. Acesso em: 08 jan. 2014.

PALETTA, Fátima Aparecida Colombo; WATANABE, Edna Tiemi Yokoti; PENILHA, Débora Ferrazoli. Audiolivro : inovações tecnológicas, tendências e divulgação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/index.php>. Acesso em: 08 jan. 2014.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. *Leitura na escola*: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SÁ, Elizabet Dias de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina; SIMÃO, Valdirene Stiegler. *Atendimento educacional especializado do aluno com deficiência visual*. São Paulo: Moderna, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Ler o mundo*. São Paulo: Global, 2011.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da História em Quadrinhos. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 8, n. 22, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4507/4229>. Acesso em: 07 jan. 2014.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Luciene Maria da. Subjetividades Mediadas: as relações entre leitores cegos e ledores. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: NO MUNDO HÁ MUITAS ARMADILHAS E É PRECISO QUEBRÁ-LAS. 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2007.

SILVA, Luciene Maria da; SANTOS, Jaciete Barbosa dos. Qualquer maneira de ler vale a pena. In: ENCONTRO DE LEITURA E LITERATURA DA UNEB: LEITURAS E LINGUAGENS, TEXTOS EM MOVIMENTO. 3., 2010, Salvador. *Anais...* Universidade Estadual da Bahia, Salvador: Quarteto, 2010. Org.: Verbena Maria Rocha Cordeiro.

Referências de imagens

Figura 1 - Alfabeto braile. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Braille>. Acesso em: 10 jan. 2014.

Figura 2 - Reglete com punção. Disponível em: <http://assistiva.mct.gov.br/catalogo/reglete-0>. Acesso em 11 jan. 2014.

Figura 3 – Máquina braile. Disponível em: <http://assistiva.mct.gov.br/catalogo/maquina-braille>. Acesso em: 11 jan. 2014.

Figura 4 – Impressora braile. Disponível em: <http://assistiva.mct.gov.br/catalogo/impressora-braille-everest>. Acesso em 11 jan. 2014.

Figura 5 – Audioteca Virtual do Projeto Além da Visão. Print screen do autor.

Figura 6 – Página de autor. Print screen do autor.